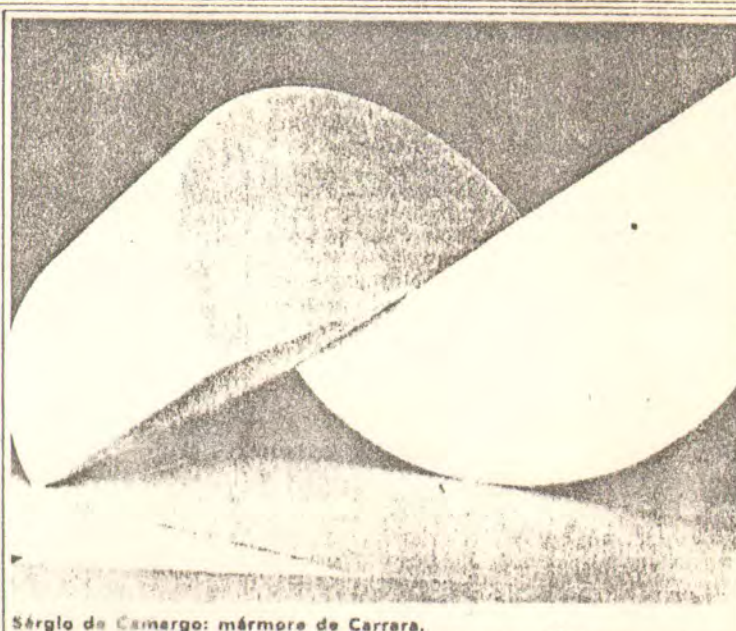


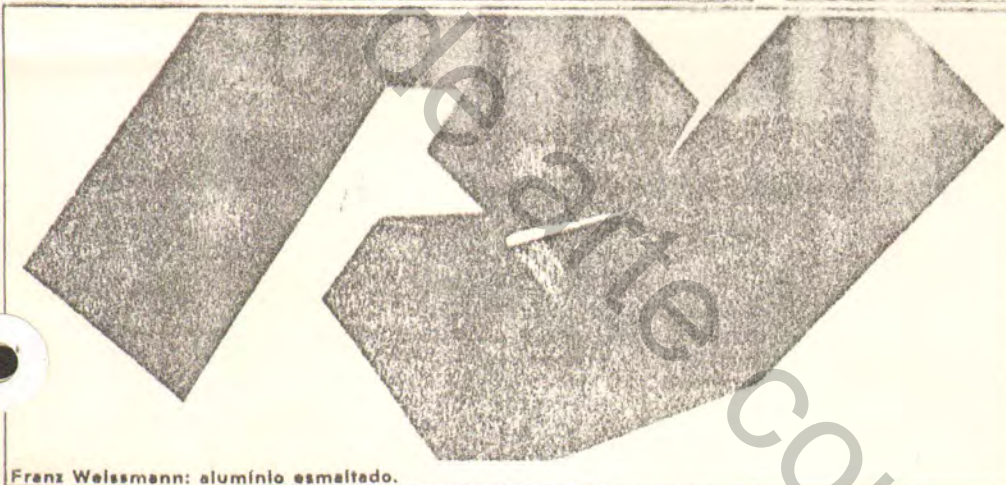
Divirta-se



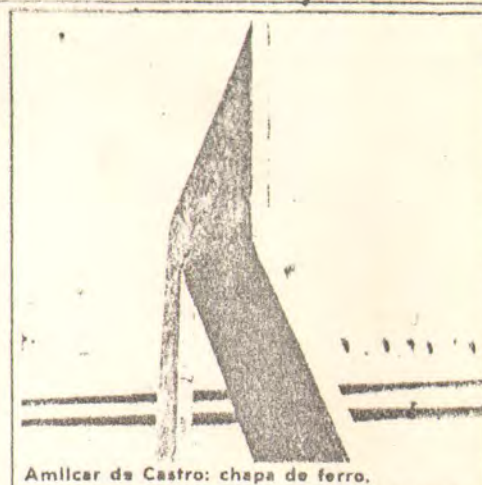
Lígia Clark: alumínio com dobradiças.



Sérgio de Camargo: mármore de Carrara.



Franz Weissmann: alumínio esmaltado.



Amílcar de Castro: chapa de ferro.

Quatro escultores, num novo endereço da arte.

A partir de hoje, a cidade ganha uma nova galeria: o Gabinete de Arte, dirigido por Raquel Arnaud Babenco. A nova galeria foge completamente do circuito das galerias, e se instala, sozinha, numa região de restaurantes caros e boates famosas: na avenida 9 de Julho, próximo da av. Faria Lima. A mostra inaugural, que tem "vernissage" marcado para hoje, às 21h, terá obras de quatro escultores nacionais consagrados: Amílcar de Castro, Lígia Clark, Franz Weissmann e Sérgio de Camargo.

O Gabinete de Arte é um pequeno espaço que tem duas entradas e se beneficia, por estar no térreo, de um pátio com vasos de plantas. O prédio onde a galeria vai funcionar é um projeto de Telésforo Cristofani que ganhou um prêmio na Bienal de São Paulo. E o projeto da reforma da galeria tem a assinatura da arquiteta Lina Bo Bardi.

No interior da galeria, com teto rebaixado por tecidos de algodão creme e cru, o piso é de cimento áspero e as paredes são de tijolos de cimento sem nenhum revestimento. No meio dos tijolos foram colocadas madeiras finas e claras onde serão pendurados os quadros. As portas, mesas e suportes são de pinho claro, vindos de Curitiba, uma "descoberta" que Lina Bo Bardi usa há algum tempo, inclusive em outro projeto seu: o Masp (lançonete e pinacoteca). Dentro da galeria nenhuma planta ou flor: apenas um guache de Calder (1970); uma paisagem pintada de Roberto Magalhães e um Volpi de 1960, um pouco escuro: azul, preto e verde. Como destaque

maior diante da mesa da recepção, está uma grande pintura erótica de Tomie Ohtake, em branco e amarelo.

Os artistas

Cansada com as reformas da galeria, abatida com o forte cheiro tóxico de colas e tintas, mas feliz por ter, finalmente, sua própria galeria, Raquel Arnaud Babenco justifica a exposição e os quatro artistas escolhidos:

— A linguagem de um combina com a de outro. Não há choque. Uma coletiva com artistas de tal porte os coloca em pé de igualdade. Além do mais, tenho o orgulho de ter trazido, depois de muitos anos de ausência, a obra de Lígia Clark.

Mineiro de Belo Horizonte, sotaque forte, Amílcar de Castro expõe cinco esculturas em chapa de ferro sem nenhuma proteção, bastante enferrujadas.

— A ferrugem faz parte do meu trabalho. É possível que um dia ela acabe com ele, mas eu também vou morrer...

Sobre as intenções do seu trabalho, um pouco mais de otimismo:

— O mundo todo só pensa em violência, em destruir. Eu, ao contrário, quero apenas construir. Trabalho com ferro porque é o material mais próximo de mim, em Minas Gerais, onde vivo e trabalho. É também o mais barato e o mais fácil. Se conservo a ferrugem é em respeito ao material. (Os preços de suas obras, nesta exposição, variam entre Cr\$ 120 mil e Cr\$ 650 mil).

Sérgio de Camargo expõe sete pe-

ças em mármore de Carrara (Itália) e apenas uma delas não é inédita; foi feita em 1965. As outras, acabam de ser feitas e custam entre Cr\$ 280 mil e Cr\$ 700 mil. A de 1965 é uma versão menor (a original tem sete metros de altura) de uma homenagem a Brancusi para a Faculdade de Medicina de Bordeaux, França.

Seco, sobre as intenções da sua obra e o objetivo desta exposição, ele se limita a dizer:

— Os objetivos estão nas peças e as intenções são as de mostrar o que produzi. Por que trabalho com mármore? Não sei...

O mais sizado de todos, o austríaco Franz Weissmann não gosta de falar sobre seu trabalho, o maior e mais pesado de todos os quatro. Sobre suas obras feitas com ferro pintado e vendidas por preços entre Cr\$ 85 mil e Cr\$ 1.400.000,00 uma frase também seca e curta:

— Opção filosófica. Faço meus trabalhos dentro de um rigor construtivo.

A mineira Lígia Clark, que está entusiasmando psicólogos brasileiros e franceses com suas obras e teorias do uso do corpo como manifestação de arte, está nostálgica nesta exposição. Ela expõe cinco "Bichos" feitos há vinte anos (1960) reeditados agora em alumínio, em chapas articuladas por dobradiças. São obras pequenas, discretas, vendidas a preços entre Cr\$ 120 mil e Cr\$ 200 mil.

O endereço da nova galeria de Raquel Arnaud Babenco é Av. 9 de Julho, 5719. E os telefones: 881-9853 e 881-4220.

O.K.